

O PERFIL PSICOSSOCIAL DO AUTISMO E SUAS RELAÇÕES FAMILIARES

THE PSYCHOSOCIAL PROFILE OF AUTISM AND ITS FAMILY RELATIONS

Andréa Cristina de Sousa¹

RESUMO

Objetivo: identificar e analisar os desafios encontrados pelas famílias dos portadores de autismo e as intervenções psicossociais observadas nas relações familiares. **Metodologia:** tratou-se de um estudo tipo bibliográfico, descritivo e exploratório. A busca de dados foi realizada na biblioteca virtual da saúde, utilizando os descritores: autismo, relações familiares e impacto do autismo na família. Foram incluídos no artigo 13 publicações que tratavam do tema autismo e suas relações familiares. Os critérios de inclusão foram: publicações em português, na íntegra que retratassem a temática em questão. **Resultados:** O resultado obtido diante das pesquisas liga-se ao fato de que estas pessoas estão expostas a diversos fatores estressantes. Na discussão, percebeu-se a modificação na rotina da família, a necessidade de incluir bons profissionais no tratamento, aspectos econômicos, sociais e até o medo ligado à desvalorização social. Contudo é importante destacar a necessidade de mais pesquisas relacionadas a este assunto. **Conclusão:** Ao receber o diagnóstico de autismo, a família é munida de inúmeras dúvidas e medos, os pais querem identificar as etiologias e influências. Encontram-se as seguintes variáveis durante a análise: estresse, medo e sentimento de desvalorização. Porém é importante destacar que no meio da diversidade de sentimentos surge a solidariedade e fortalecimento do vínculo familiar. Em meio a esse contexto. Observa-se a necessidade de se compreender o quadro espectro autista e seu conceito na sociedade atual.

PALAVRAS CHAVE: Trastorno Autístico, psicodinâmica familiar.

ABSTRACT

Objective: to identify and analyze the challenges faced by the families of autism patients and the psychosocial interventions observed in family relationships. **Methodology:** a bibliographic, descriptive and exploratory study. The data search was performed in the virtual health library, using the descriptors: autism, family relationships and autism impact in the family. Included in article 13 were publications dealing with autism and family relationships. The inclusion criteria were: publications in Portuguese, in full that portrayed the subject in question. **Results:** The result obtained from the research is linked to the fact that these people are exposed to several stressors. In the discussion, it was noticed the modification in the routine of the family, the need to include good professionals in the treatment, economic, social aspects and even the fear linked to the social devaluation. However, it is important to highlight the need for more research related to this subject. **Conclusion:** Upon receiving the diagnosis of autism, the family is provided with numerous doubts and fears, parents want to identify the etiologies and influences. The following variables are found during the analysis: stress, fear and feeling of devaluation. But it is important to emphasize that in the midst of the diversity of feelings comes the solidarity and strengthening of the family bond. In the midst of this context. It is observed the need to understand the autism spectrum frame and its concept in the current society.

KEYWORDS: Autistic Disorder, Family Psychodynamics.

¹ Doutoranda do Programa de Pós Graduação em Ciências da Saúde – UFG. Mestre em Enfermagem pela Faculdade de Enfermagem – UFG. Especialista em Enfermagem em UTI. Enfermeira da Liga de Hipertensão Arterial HC/UFG

INTRODUÇÃO

O autismo é uma síndrome comportamental com etiologias diferentes, em que o desenvolvimento infantil encontra-se distorcido (GILLBERG, 1990; LORD, RUTTER, COUTEUR, 1994). A expressão autismo foi utilizada pela primeira vez por Bleuler em 1911, para descrever a perda do contato com a realidade, o que se tornava um fator gerador de grande dificuldade ou impossibilidade de comunicação (AJURIAGUERRA, 1977). Logo após foram realizadas publicações a respeito da síndrome pelo psiquiatra austríaco Leo Kanner em 1943, e lembrado anos depois por Negri (2008) que continuava a descrever a dificuldade do relacionamento interpessoal do autista.

Essa síndrome é um transtorno de desenvolvimento que surge nos três primeiros anos de vida e compromete habilidades de comunicação e interação social. O transtorno envolve a família e o autista, e um fator importante é a dificuldade da família em identificar o transtorno, mesmo com o aumento das discussões sobre o tema (SILVA e MULICK, 2009).

O comprometimento da interação social é caracterizado por alterações qualitativas das interações sociais recíprocas. Podem ser observadas dificuldades na espontaneidade, imitação e jogos sociais, e também em inabilidade de desenvolver amizade com companheiros da mesma idade; há o comprometimento acentuado no uso de comportamentos verbais e não verbais, além da falta de reciprocidade social e emocional (ASSUMPCÃO, 1997; BOSA, 2002; TANGUAY, 2000; LORD, RUTTER, COUTEUR, 1994).

De modo geral uma criança autista modifica as relações familiares sendo que as manifestações dos sintomas podem provocar estresse familiar podendo acarretar rupturas nos laços familiares e também desencadear dificuldades de interações sociais (SILVA, 2009). Outros fatores intra e extrafamiliares também se fazem presente na condição do autista, como por exemplo, especificidade da síndrome, rede de apoio, crença familiar torna se de grande importância desprender se do reducionismo.

Diante da presença dos fatores psicossociais que afetam a interação entre autista-família e autista-sociedade, o que permanece em evidência é a importância da qualidade de trocas de informações, pois através desse modelo

de ações do outro é que se desenvolvem características de personalidade (SILVA, 2012).

Nesse sentido o objetivo desse estudo foi reunir dados/informações sobre o autismo para que pudéssemos identificar e analisar os desafios encontrados pelas famílias dos portadores de autismo e as intervenções psicossocial observadas na relação familiar.

METODOLOGIA

Para o desenvolvimento da presente pesquisa foram utilizados métodos de revisão bibliográfica. A pesquisa tem por base publicações científicas na área do autismo. Utilizando os descritores: autismo, técnicas e métodos de tratamento autista, causas do autismo, sintomas e psicodinâmica familiar em autistas.

Essa metodologia foi utilizada no intuito de analisar as publicações literárias e científicas de modo que se possa entender o autismo e as alterações psicossociais a partir de referências existentes na literatura.

Entre agosto de 2016 e março de 2017 foram realizadas leituras exploratórias das publicações entre os anos de 2006 e 2016, encontramos 22 publicações que tratavam do tema autismo e suas relações familiares. Dessas foram selecionados 13 artigos, por pertinência e relevância ao tema.

Os critérios de inclusão foram: publicações em português, artigos na íntegra que retratassem a temática em questão.

Foi realizada leitura interpretativa dos materiais selecionados a fim de se estabelecer uma ligação entre os dados encontrados e o problema de pesquisa. No momento interpretativo foi realizado um levantamento de dados que embasaram as ideias principais e os dados mais importantes que foram publicados em nossa língua.

RESULTADOS

ARTIGO / AUTOR E ANO	RESUMO DO ARTIGO
MARTINS, MAG. Um olhar gestáltico para as relações em família de crianças que tem autismo. <i>Revista IGT na rede</i> . v. 12, n 23, p 327 - 375. 2015.	Refere sobre as características do autismo, sendo elas: dificuldade para interagir socialmente, déficit de linguagem e padrão de comportamento restritivo. Menciona que os responsáveis pelo autista são de grande importância no processo de cuidar; referindo sobre a

	<p>importância das terapias no tratamento; especificamente sobre a terapia gestáltica que tem perspectiva psicológica visualizando o ser humano como um todo. Ligando o homem ao seu meio de interação.</p> <p>Relata que o relacionamento familiar com autista está diretamente relacionado com o desenvolvimento do indivíduo; e esse relacionamento se dará através do contato.</p>
<p>ARAÚJO, RR; SILVA, JRS; D'ANTINO, MEF. Breve discussão sobre o impacto de se ter um irmão com transtorno do espectro do autismo. São Paulo, SP. Cadernos de pós-graduação em distúrbios do desenvolvimento. v. 12, n 1, p. 9-15. 2012.</p>	<p>O artigo menciona que a partir do momento em que a família se depara com o diagnóstico de transtorno do espectro autista, ocorre uma crise familiar abalando a identidade, o funcionamento e a estrutura familiar.</p> <p>Nesse momento a família se vê despreparada para enfrentar essa nova situação, a criança com transtorno do espectro autista apresenta uma série de sintomas que afetam profundamente os pais e os irmãos sem deficiência tais como: a dificuldade de interação verbal, comportamentos obsessivos e a negação do contato afetivo.</p> <p>Relata que o irmão sem deficiência busca de alguma forma ajudar nos cuidados gerais do irmão com autismo, procura compensar a sobrecarga de cuidados da mãe exercendo o cuidado direto ao irmão com TEA, buscando cuidar, brincar, ajudar na limpeza higiênica. Nesse momento passam a apresentar menos comportamentos sociais e se queixam de sentirem-se solitários e sentem ciúmes.</p>
<p>OLIVEIRA, DS; MOURA, ARS; FEIJÓ, LP; PINHEIRO, MC; BRITES, P; DORNELES, S; MOURA, E. Interação Vincular de Pais Com Filhos Autistas. Lisboa: Revista de psicologia da criança, v. 5, n 2, 2014.</p>	<p>Este artigo retrata sobre a mudança da estrutura familiar ao ter ente seus componentes uma criança autista. Entre os sentimentos e relatos mais citados aparecem: as preocupações e ansiedades geradas por esse diagnóstico, a família passa a pensar em quem irá ser o cuidador desse filho com autismo, pensam em como será a vida do filho sem eles. Não expressam desejo de morte uma vez que esse fato remete a deixar o filho sem alguém para cuidar.</p> <p>Menciona ainda que todo o funcionamento e andamento da família será modificado, passando por busca por escolas, onde possuam atendimento específicos, e que atendam as demandas da criança com autismo.</p> <p>E ainda trata sobre a necessidade de compreender a percepção dos pais, no que se refere à comunicação, é importante a identificação das percepções paternas referente a qualidade da relação de outras pessoas com seus filhos, indiferentemente do diagnóstico.</p>
<p>FAVERO, MAB; SANTOS, MA. Autismo infantil e estresse familiar: uma revisão sistemática da literatura. São Paulo: Psicologia: Reflexão e crítica, v. 18, n 3, p 358 – 369. 2005.</p>	<p>As famílias que se encontram em circunstâncias especiais, promovem mudanças em suas atividades de vida diária e no funcionamento psíquico de seus membros o estresse constitui-se como uma reação psicológica, que pode provocar tanto sintomas físicos como psicológicos, tais como: ansiedade, pânico, tensão, angústia, insônia, alienação, dificuldades interpessoais.</p> <p>Esse estudo demonstrou que o estresse dos pais de crianças autistas está ligado ao prejuízo cognitivo da criança.</p> <p>Nesse estudo relata que a comunicação através de interações é prejudicada entre crianças autistas, pois estas têm dificuldade para iniciar jogos que auxiliam a interação entre as crianças e seus pais e irmão.</p>

<p>SOUZA, JR; BARBOSA, R.B. Autismo Infantil: A importância do Afeto na Família. v. 6, n 1. Aracaju, Jan/ dez 2016.</p>	<p>Uma das principais diferenciações identificadas no desenvolvimento infantil esperado e o das crianças com autismo é a conexão afetiva, que permite a capacitação para a vida social do ser humano isso permitiria que as crianças autistas pudessem estabelecer vínculos afetivos com as pessoas próximas, possibilitando a criação dessas conexões afetivas prejudicadas pelo transtorno. E é nesse sentido que o artigo relata que é na família que o autista geralmente, estabelece seus primeiros vínculos, e que é fundamental que a família esteja presente auxiliando, enquanto educadores/cuidadores diretos nas habilidades da criança.</p>
<p>GOMES, PTM; LIMA, LHL; BUENO, MKG; ARAÚJO, LA; SOUZA, NM. Autismo no Brasil: desafios familiares e estratégias de superação. Jornal da pediatria, Rio de Janeiro. v. 91, n 2, Porto Alegre, Março/Abril, 2015.</p>	<p>O artigo menciona que os pais de um autista são confrontados por uma nova situação. Contudo observou-se que a TEA exerce forte influência familiar, geralmente na mãe, diante deste diagnóstico a uma preocupação muito grande com o futuro ter um bom acompanhamento profissional e de grande importância.</p>
<p>ANDRADE, AA; TEODORO, MLM. Família e autismo: uma revisão da literatura. Belo Horizonte, MG. UFMG, Contextos Clínicos. v. 5, n 2, p 133 – 142, Jul/ Dez. 2012.</p>	<p>A família tende a se mobilizar, pois um autista, muda à rotina de uma família. O impacto possui diversos graus de estágios e varia de acordo com cada caso. A personalidade dos pais, e a disponibilidade das redes sociais influenciam no tratamento, pois são alternativas para o desenvolvimento de estratégias através da disseminação de informações sobre a síndrome incluindo sintomas, tratamento e onde procurar ajuda.</p>
<p>RODRIGUES, LR. et al. Convivendo com a criança autista: sentimentos da família. Uberaba, MG: Revista minuto enfermagem, jul/Set 2008.</p>	<p>O nascimento de uma criança gera uma grande mudança na organização familiar, a qual se torna um drama ao se deparar com uma criança munida de uma deficiência sentimentos como: medo, tristeza, revolta, desvalorização, culpa estão presentes, porém estes sentimentos podem ser trabalhados e a adequação a nova vida pode gerar sentimentos de amor, compaixão e união.</p>
<p>MONTE, LCP; PINTO, AA. Família e autismo: psicodinâmica familiar diante do transtorno e desenvolvimento global na infância. Juiz de Fora. Revista Estação Científica. n 14, Jul/Dez, 2015.</p>	<p>A gravidez gera grandes expectativas na família e os sentimentos de amor e medo fazem parte disso. Quando a família é acometida pelo transtorno autista a expectativa se torna confusa e intensa. Podendo ocorrer até mesmo comprometimento emocional. Refere sobre a relação entre o estresse e a família do autista. Nessa relação encontramos os fatores: comparação, a rotina diária de terapias, contato com médicos, remédios e fatores financeiros. Ainda pode haver resistência dos pais em relação ao contato do filho com a sociedade temendo reações adversas. Nesse contexto se faz necessário que os pais precisam de acompanhamento e intervenções, pois diante deste transtorno a autoestima fica comprometida. A mãe é o membro mais acometido pelo estresse, pois a maioria das vezes, há uma sobrecarga muito grande, pois, a mesma passa a viver somente em função do filho.</p>

<p>MARQUES, MH, DIXE, MAR. Crianças e jovens autistas: impacto na dinâmica familiar e pessoal de seus pais. Portugal, Revista psiquiatria clinica. Mar/ 2011. v. 38, n 2, p 66-70.</p>	<p>Foi referido nesse artigo as necessidades que pais têm para cuidar de filhos autistas, sendo eles: a falta de informação sobre os serviços de que o filho (a) possa vir a beneficiar-se; a necessidade de ajuda para discutir os problemas e encontrar soluções; necessidade de ter mais tempo para si mesmos; a necessidade de ajuda para pagar as despesas e necessidade de encontrar alguém que fique com o filho (a) para poder tirar uns dias de descanso.</p> <p>E refere também que de modo geral com o transcorrer do tempo as famílias apresentam adaptabilidade flexível e coesão articulada.</p> <p>Adaptabilidade é uma mudança na família que tem por finalidade amenizar um problema, tomar decisões e negociar diferenças é essencial.</p> <p>A adaptação pode ser um processo longo e penoso, sendo necessário contar com a ajuda dos componentes familiares, o bem-estar psicológico da família é o principal objetivo do tratamento da síndrome do autismo, na maioria dos casos a família sempre se adapta a nova experiência ligada a esta síndrome.</p>
<p>SHCHMID, C; BOSA, C. A investigação do impacto do autismo da família: revisão crítica da literatura e proposta de um novo modelo. Interação em psicologia, v. 7, n 2, p 111-120. 2003.</p>	<p>O autismo interfere na harmonia familiar do seguinte modo: uma criança autista precisa de cuidados especiais, e para que esses cuidados aconteçam à família tem que mudar sua rotina, e esse fato acarreta um estresse muito grande, como por exemplo, o convívio com os médicos, as rotinas de tratamento, os sintomas da síndrome, a desvalorização social e muitos outros fatores contribuem para que este impacto aumente. Contudo é necessário uma boa estrutura familiar e de bons profissionais para que o tratamento seja benéfico.</p>
<p>FILHO, ALM; NOGUEIRA, LANM; SILVA, KCO; SANTIAGO, RF. A importância da família no cuidado da criança autista. Revista saúde em foco. v. 3, n 1, p 66- 83. Jan/ Jun, 2016.</p>	<p>A família é a primeira instituição a qual a criança pertence e é um importante espaço de socialização assim exerce um grande papel no desenvolvimento da criança, a partir do momento que se torna a base de influências para tudo, seja para procurar um bom profissional para tratar a criança autista ou para servir como fonte de afeto a apoio prontificando se a adaptar se ao novo membro munido de um transtorno que requer cuidados especiais, que serão disseminados pelos pais, irmãos e parentes próximos.</p>

DISCUSSÃO

Seis artigos pesquisados referem sobre a expectativa da família em se ter um novo membro e o nascimento de um bebê com necessidade especial altera o dia a dia de todos os componentes da família esse fato também é corroborado por Maciel, (2000). Durante a geração de uma criança a família é envolvida por expectativas, como por exemplo, sexo do bebê, fisionomia e até a sua personalidade. Sentimentos de medo, amor e carinho também fazem parte

deste contexto. Quando a família se conscientiza que há um caso de autismo no seu meio as expectativas se tornam confusas e intensas, podendo ocorrer prejuízos na psicodinâmica familiar (CERVENY e BERTHOUD, 2002).

Nove artigos utilizados em nossos resultados falam sobre as relações familiares em meio ao autismo e segundo Rosset (2008) a família é um todo, em que as unidades estão conectadas. Existem trocas de sentimentos e em todos os casos funciona como base de desenvolvimento emocional e social que define realizações e também fracassos. Cerveney e Berthoud (2002) destacam três etapas relacionadas ao ciclo familiar: união, construção de vida a dois e parentalidade. No processo parentalidade entra a decisão de ter um filho. Nesse contexto surge a construção familiar com processos emocionais e psicológicos.

As famílias de pessoas autistas enfrentam dificuldades diárias, a chegada de um filho deficiente transforma toda a rotina familiar e surge a necessidade de uma adaptação. O transtorno autista afeta os membros, e sua aceitação causa efeito na criança. O desequilíbrio familiar dificulta a saúde emocional dos seus membros (SPROVIERI e ASSUMPÇÃO JR, 2001).

Favero e Santos (2005) afirmam que a dinâmica familiar sofre modificações financeiras, físicas, psíquicas e sociais. A maioria das vezes existe um luto pela perda do filho ideal para que assim se perceba as reais capacidades infantis.

Dois dos nossos artigos retratam sobre o meio favorável para o desenvolvimento do autista e nossos achados estão de acordo com o relatado por Perissinoto (2003), que afirma que “indivíduos com autismo desenvolvem se melhor em contextos compreensivos e facilitadores da sua evolução”. As análises em relação ao assunto auxiliam no tratamento. Diante disso é importante colocar a família como base para melhorar o tratamento, as influências sociais são fundamentais, onde se destacam as oportunidades de interações como meio de evolução das fases do desenvolvimento. (SPROVIERI e ASSUMPÇÃO JR, 2001).

Cinco artigos utilizados falam sobre a dificuldade de interação do autista com o mundo e especialmente com sua família. Tal fato também é descrito no artigo de (Altiere, 2006 e Olsson; Hwang, 2001) que refere que a criança com TEA apresenta uma série de sintomas que afetam profundamente a convivência

entre os pais e os irmãos sem deficiência, tendo dificuldade de interação verbal e lúdica. Estudos comprovam que a depressão em mães com filhos com autismo é maior do que em mães com filhos sem deficiência. O vínculo emocional entre os membros familiares é o que define o grau desta situação, que irá definir o quadro de estresse. Ainda segundo esses autores, quanto mais equilibrado estiverem esses dois fatores, maior será a probabilidade de um bom funcionamento familiar.

Dois artigos utilizados em nossos resultados tratam do papel do irmão sem autismo e nossos achados estão de acordo com Torrens (2006) que afirma que nem sempre o irmão com desenvolvimento normal verá o papel de cuidador como algo positivo. Também há relatos de irmãos que se preocupam com a possibilidade de contágio simplesmente pela falta de informação sobre a deficiência. É o pai que exerce um papel fundamental no apoio psicológico para a mãe, assim terá maior disponibilidade de ajudá-la e como consequência o nível de estresse familiar tenderá a diminuir.

Três dos artigos utilizados em nosso estudo falam sobre os sentimentos vivenciados por familiares de autistas. E o estresse é um desses sentimentos, esse se constitui como uma reação psicológica, onde as fontes podem ser oriundas de eventos externos ou internos. De acordo com Lipp e Guevara (1994), o estresse pode provocar tanto sintomas físicos como psicológicos. Os possíveis efeitos psicológicos das reações ao estresse são: ansiedade, pânico, tensão, angústia, insônia, alienação, dificuldades interpessoais, dúvidas quanto a si próprio, tédio, ira e depressão.

Quatro dos nossos resultados tratam sobre a interação entre autista-família sendo um presente na introdução e três no quadro de análise, El-Ghoroury e Romanczyk (1999) destacam as interações das crianças autistas com membros da família ao atentar para a manifestação da linguagem dessas crianças através de interações concluindo, assim que crianças autistas têm em dificuldades para iniciar jogos com os pais. No entanto a utilização de jogos para auxiliar a interação entre as crianças, seus pais e irmãos pode tornar lúdico e representar uma alternativa no enfrentamento de uma dificuldade de comunicação, ao mesmo tempo funciona como um valioso instrumento de expressão para a criança.

Não se trata de assustar os pais, ao se identificar os sintomas, mais sim esclarecer e estabelecer o melhor prognóstico. O relacionamento com o autista é algum novo, e nesse contexto a rejeição ou aceitação se destacam. Aceitar a realidade é poder trabalhar com a possibilidade de inclusão do autista no seio familiar (FILHO et al, 2016).

O convívio com um autista é desgastante, muitos são hiperativos ou agressivos. O profissional precisa ouvir a família e buscar uma solução para o tratamento, a organização familiar direcionada ao revezamento dos cuidados com o autista é importante para que o stress não se acumule em apenas um indivíduo que na maioria das vezes é a mãe (RODRIGUES et al, 2008).

Dois artigos selecionados em nosso estudo falam sobre a sobrecarga materna no processo de cuidar de um filho autista. Esse fato pode ser afirmados também por Andrade e Teodoro (2012) que diz que o estresse materno é o acúmulo de funções e o distanciamento da vida social, pois muitas mães passam a viver em função do filho. A família pode desenvolver inúmeras características de estresse relacionadas ao acúmulo de informações ligadas ao diagnóstico, tratamento, rotinas e horários, onde cada um terá uma conclusão que irá refletir na criança.

Segundo Koegel e Cols (1992), as famílias de autistas revelam um nível geral de alto de preocupação com os atrasos linguísticos e cognitivos da criança depois que os pais não conseguem providenciar outras medidas. É importante destacar que na análise de mães de crianças autistas identificou se significativamente mais estresse nas mães que nos pais, pois estes estavam ativamente comprometidos com suas atividades profissionais fora de casa, e todas as mães estavam como os cuidados primários.

Em nossos resultados dois artigos selecionados tratam sobre a adaptação da família a um membro autista, em algumas famílias gerar um autista equivale ao fortalecimento dos laços de sangue já em outras pode ocasionar rupturas, não há um padrão de aceitação familiar, cada um reage de uma forma. (SILVA, 2009).

Em nossos resultados dois artigos demonstram a dificuldade dos pais e inserir o filho autista no mundo externo, esse fato pode ser corroborado por Sprovieri e Assumpção Jr (2001) que demonstraram que diante das situações

expostas, há resistências dos pais em relação à comunicação dos seus filhos com a sociedade, relacionadas a situações de: crise, choro, agressões e agitações. A exposição social e de grande temor e por consequência ocasionam sentimentos de vergonha e tristeza. A autoestima é comprometida, pois um filho com tal etiologia desvaloriza a família. E como se eles não pudessem contar com ninguém, a pressão social ligada a um integrante diferente é grande, diante disso é possível notar a autoestima abalada (SPROVIERI; ASSUMPÇÃO JR, 2001).

IV artigos em nosso estudo discutem sobre a família e o profissional que deve acompanhar o autista e esse fato também já foi descrito em Chateau (1997) que refere que à família deve estar sempre informada e o profissional que os acompanha deve corresponder às expectativas que é orientar o tratamento adequado aos pacientes e família, isso se aplica as terapias, medicações e novos tratamentos. Interromper o tratamento quando necessário é obrigação do profissional. Às vezes a família acredita que sobrecarregar o tratamento de reabilitação e o básico, porém também é importante perceber a necessidade do contato afetivo (CHATEAU,1997).

Outro fato importante que também encontramos um dos artigos selecionados é necessidade de modalidades diferentes de tratamento para o autista. Segundo Assumpção Junior (2007) há uma multiplicidade terapêutica ligada ao tratamento. A psicoterapia tem um papel essencial, pois aborda o contato entre os membros da família e a sociedade e sucessivamente o controle emocional. As técnicas se classificam em: superação do isolamento, desenvolvimento dos limites da criança e por último conclui se o que ocasionou a retração. O método hipnótico também chamado de autoterápico passou a ser utilizado. A musicoterapia é uma terapia que utiliza a música como meio de interação entre autista e demais pessoas.

E fundamental que o médico acompanhe os efeitos dos medicamentos, pois é através do relato dos pais que os ajustes serão feitos. E necessário que os pais anotem os nomes e horários corretos das medicações para que haja um tratamento correto. A fonoaudiologia tem um papel importante na comunicação verbal, ao destacar a compreensão auditiva, a imitação não verbal e a fala expressiva e comunicativa do indivíduo acometido pela síndrome. A ludoterapia é utilizada através de jogos, onde ao brincar a autista expressa o seu

entendimento do mundo. A terapia ocupacional também é um trabalho de inserção (ASSUMPÇÃO JR, 2007). O trabalho de orientação da família é feito por psicólogos. O acompanhamento periódico ao pediatra ou clínico geral ajuda estabelecer o tratamento adequado.

Um dos nossos artigos falam sobre a importância da escola na evolução do quadro autista, nesse sentido escola e família constituem dois contextos de desenvolvimento fundamentais para a trajetória de vida das pessoas. A escola e a família compartilham funções sociais e educacionais ao contribuírem para a formação do cidadão (REGO, 2003).

A família é o primeiro ambiente de socialização do indivíduo, ela é vista como conjunto de membros e é responsável pela transmissão de valores, crenças, ideias e significados que estão presentes nas sociedades (KREPPNER, 2000). O uso das estratégias deve ser adaptado às realidades distintas dos alunos e professores, neste sentido é importante observar as evoluções dos seguintes indivíduos: alunos, pais e professores. Sabe-se que a família influencia na permanência do aluno na escola, podendo evitar ou intensificar a evasão e a repetência na escola (FADDA, 2015).

Pesquisas tem demonstrado que os pais estão constantemente preocupados com as atividades escolares dos filhos e dirigem a atenção ao aproveitamento escolar do filho. Os laços afetivos estruturados e consolidados tanto na escola quanto na família permitem ao autista lidar com aproximações, aprendendo a interagir com a vida social. Quando o deficiente entra na escola sua autonomia aumenta comparando a que se tinha somente em casa (DESSEN e POLONIA, 2005).

Em nossos resultados encontramos um artigo que refere sobre a importância e a necessidade de disseminação de informações. As formações de ações de ajuda e conscientização em redes sócias merecem destaque, pois contribuem para disseminações de assuntos relacionados a síndrome (FAVERO e SANTOS, 2005).

CONCLUSÃO

Ao receber o diagnóstico de autismo, a família é munida de inúmeras dúvidas e medos, os pais querem identificar as etiologias e influências. E o momento das perguntas mais profundas: porque na minha família? Depois pode ser que essa ideia seja aceita. Após as informações relacionadas, a síndrome começa o processo de adaptação e aceitação.

Durante a etapa de não aceitação ocorre a vulnerabilidade relacionada a emoções. As alterações são vivenciadas de forma impactante, rápida e em um único momento.

Encontram-se as seguintes variáveis durante a análise: estresse, medo e sentimento de desvalorização. Porém é importante destacar que os autores afirmam que no meio da diversidade de sentimentos surge a solidariedade e fortalecimento do vínculo familiar.

Contudo é importante enfatizar a necessidade de se estudar e elaborar concepções relacionadas à psicodinâmica da família surpreendida por essa síndrome, para que assim se possa saber onde buscar apoio profissional e qual postura psicológica a se tomar. Observa-se a necessidade de se compreender o quadro espectro autista e seu conceito na sociedade atual.

REFERÊNCIAS

AJURIAGUERRA, J. A escrita infantil: evolução e dificuldades. Porto Alegre, **Artes Médicas**, 1988.

ALTIERE, MJ. Family functioning and coping behaviors in parents of children with autism. **Masters theses and doctoral dissertations**. v. 54, 2006.

ANDRADE, AA; TEODORO, MLM. Família e autismo: uma revisão da literatura. Belo Horizonte, MG. UFMG, **Contextos Clínicos**. v. 5, n 2, p 133 – 142, Jul/ Dez. 2012.

ARAUJO, RR; SILVA, JRS; D'ANTINO, MEF. Breve discussão sobre o impacto de se ter um irmão com transtorno do espectro do autismo. São Paulo, SP. **Cadernos de pós-graduação em distúrbios do desenvolvimento**. v. 12, n 1, p. 9-15. 2012.

ASSUMPÇÃO JR., JFB. Transtornos invasivos do desenvolvimento infantil. São Paulo: Lemos. 1997.

BOSA, C. Atuais interpretações para antigas observações. Em C. Baptista & C. Bosa (Orgs.), **Autismo e educação: Reflexões e propostas de intervenção** (pp. 21-40). Porto Alegre: Artmed. 2002.

CERVENY, CMO; BERTHOUD, CME. Visitando a família ao longo do ciclo vital. São Paulo, SP. **Casa do Psicólogo**. 2002.

DESSEN, MA; POLONIA, AC. A família e a escola como contexto de desenvolvimento humano. Brasília, DF. **Paidéia**. v. 17, n 36, p 21-32. 2007.

EL-GHOROURY, NH; ROMANCZYK, RG. Play interactions of family members towards children with autism. **Journal of autism and developmental disorders**. v. 29, p 249 – 258. 1999.

FADDA, GM. A experiência de mães e pais no relacionamento com o filho diagnosticado com autismo: um estudo fenomenológico. **Dissertação de pós-graduação Stricto Sensu em Psicologia do Centro de Ciências da Vida – PUC - Campinas**. 2015.

FAVERO, MAB; SANTOS, MA. Autismo infantil e estresse familiar: uma revisão sistemática da literatura. São Paulo: **Psicologia: Reflexão e crítica**, v. 18, n 3, p 358 – 369. 2005.

FILHO, ALM; NOGUEIRA, LANM; SILVA, KCO; SANTIAGO, RF. A importância da família no cuidado da criança autista. **Revista saúde em foco**. v. 3, n 1, p 66- 83. Jan/ Jun, 2016.

Gillberg, G. Autism and pervasive developmental disorders. **J Child Psychol Psychiat** 1990. v. 31, n 1, p 99-119.

GOMES, PTM; LIMA, LHL; BUENO, MKG; ARAÚJO, LA; SOUZA, NM. Autismo no Brasil: desafios familiares e estratégias de superação. **Jornal da pediatria**, Rio de Janeiro. v. 91, n 2, Porto Alegre, Março/Abril, 2015.

Kreppner, K. The child and the family: Interdependence in developmental pathways. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**. V. 16, n 1, p 11-22. 2000.

KOEGEL, RL; SCHREIBMAN, L; LOOS, LM; DILRICH-WILHELM, H; DUNLAP, G; ROBBINS, R; PLIENIS, AJ. Consistent stress profiles in mothers of children with autism. **Journal of Autism and Developmental Disorders**. v. 22, p 205-215. 1992.

LIPP, MEN; GUEVARA, AJH. Validação empírica do Inventário de Sintomas de Stress. **Estudos de Psicologia**. v. 11, n 3, p 43-49. 1994.

LORD, C; RUTTER, M; LE COUTEUR, A. Autism diagnostic interview-revised: a revised version of a diagnostic interview for caregivers of individuals with possible pervasive developmental disorders. **Pubmed**. v. 24, n 5, p 659 – 85. 1994.

OLSSON, MB; HWANG, CP. Depression in mothers and fathers of children with intellectual disability. **Journal of intellectual disability research**. v. 45, 2001.

MACIEL, MRC. Portadores de deficiência: a questão da inclusão social. São Paulo **Perspec**. 2000, vol.14, n.2, pp. 51-56.

MARQUES, MH, DIXE, MAR. Crianças e jovens autistas: impacto na dinâmica familiar e pessoal de seus pais. Portugal, **Revista psiquiatria clinica**. Mar/2011. v. 38, n 2, p 66-70.

MARTELLI, APS; et al. Autismo: Orientação para os pais. Ministério da Saúde, São Paulo. **Casa dos autistas**. 2000.

MARTINS, MAG. Um olhar gestáltico para as relações em família de crianças que tem autismo. **Revista IGT na rede**, v. 12, n 23, p 327 - 375. 2015.

MONTE, LCP; PINTO, AA. Família e autismo: psicodinâmica familiar diante do transtorno e desenvolvimento global na infância. Juiz de Fora. **Revista Estação Científica**. n 14, Jul/Dez, 2015.

OLIVEIRA, DS; MOURA, ARS; FEIJÓ, LP; PINHEIRO, MC; BRITES, P; DORNELES, S; MOURA, E. Interação Vincular de Pais Com Filhos Autistas. Lisboa: **Revista de psicologia da criança**, v. 5, n 2, 2014.

OZONOFF, D. **Manual para síndrome de Asperger**. Referencia diagnostica da american psy chiatric. 2010.

PRADO, A. Família e deficiência. In: CERVENY, C. Família e. São Paulo: Casa do psicólogo, p 85 - 98. 2004.

REGO, TC. Memórias de escola: Cultura escolar e constituição de singularidades. Petrópolis, RJ: **Vozes**. 2003.

RODRIGUES, LR. et al. Convivendo com a criança autista: sentimentos da família. Uberaba, MG: **Revista minuto enfermagem**, jul/Set 2008.

ROSSET, SM. Terapia de família relacional sistêmica. **Capítulo da Revista Brasileira de Terapia Familiar**. v. 1, n 1, jan/jun, 2008.

SHCHMID, C; BOSA, C. A investigação do impacto do autismo da família: revisão crítica da literatura e proposta de um novo modelo. **Interação em psicologia**, v. 7, n 2, p 111-120. 2003.

SILVA, SB. O autismo e as transformações na família. **Monografia de Psicologia da Universidade do Vale do Itajaí**. 2009.

SILVA, M; MULICK, JA. Diagnosticando o transtorno autista: aspectos fundamentais e considerações práticas. **Psicologia: ciência e profissão**. v. 29, n 1, Brasília. 2009.

SILVA, A. B. B. **Mundo singular**: entenda o autismo. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012.

SPROVIERI, M; ASSUMPÇÃO JR, FB. Dinâmica familiar de crianças autistas. **Arquivos da neuropsiquiatria**. São Paulo. v. 59, n 2, p 230 – 237. 2001.

SOUZA, JR; BARBOSA, RB. **Autismo Infantil: A importância do Afeto na Família**. v. 6, n 1. Aracaju, Jan/ dez 2016.

TANGUAY, PE. Pervasive developmental disorder: A 10-year review. **Journal of Academy of Child and Adolescent Psychiatry**. v. 39, 1079-1095. 2000.

TORRENS, ER. Atención a familias en los servicios para personas con Transtorno del Espectro Autista. **Educación y Futuro, Salamanca**, v.14, p 109-130, 2006.